

263
HISTÓRIA
DO PRÍNCIPE BRAVO
E DO PRÍNCIPE MANSO



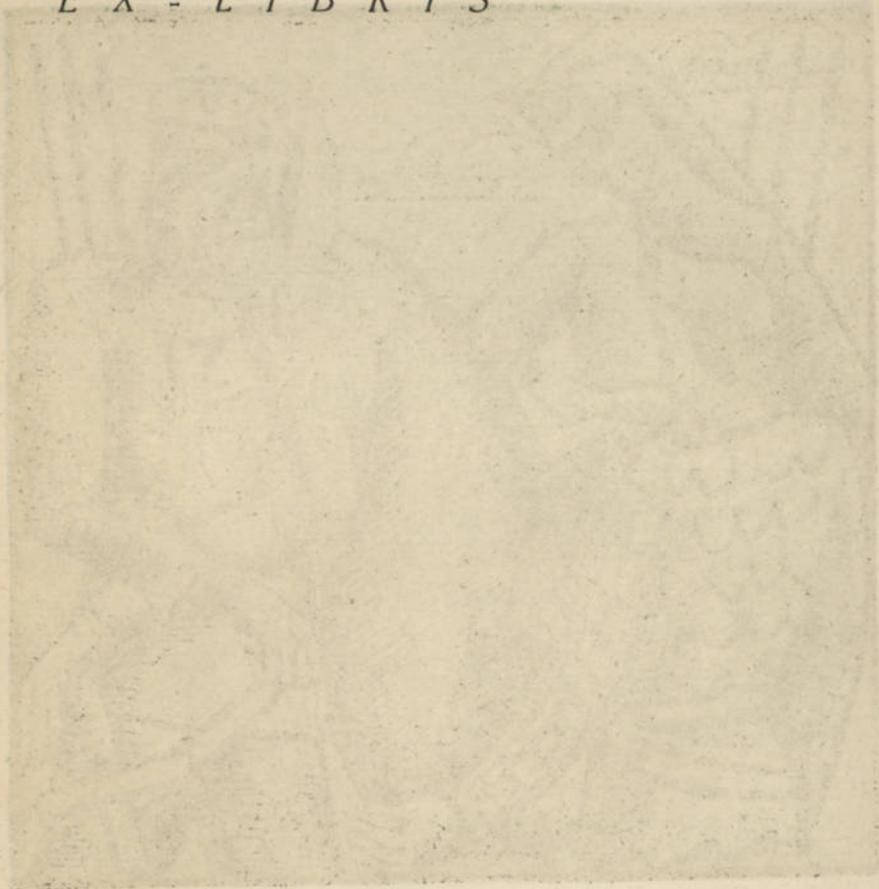
COLECÇÃO PÁTRIA — LIVRO NÚMERO NOVE

N
Nacional
143V.

BOA ~ EDIÇÕES S. P. N. ~ 1938



E X - L I B R I S



COMPOSTO E IMPRESSO NAS GRANDES
OFICINAS GRÁFICAS «MINERVA», DE
GASPAR PINTO DE SOUSA & IRMÃO
VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1939

18681

(4)

LIVRO NOVE

HISTÓRIA DO PRÍNCIPE BRAVO
E DO PRÍNCIPE MANSO

O que se vai contar aconteceu por volta de 1320.

Havia já muitos anos que governava em Portugal el-rei D. Deniz, êsse bom rei casado com a rainha Santa Isabel. Dos seus dois filhos, a infanta D. Constança casara com o rei de Castela e já enviüvara, e o príncipe D. Afonso casara com D. Brites, infanta espanhola que lhe dera já três filhos.

Esta é a história do príncipe D. Afonso, que veio a reinar depois de D. Deniz, e a quem chamaram *o Bravo*, e de um outro filho de el-rei, bastardo, o infante D. Afonso Sanches.

El-rei D. Deniz trazia D. Afonso Sanches no coração; queria-lhe tanto como à luz dos seus olhos. E tinha razão, que rapaz mais lindo e perfeito de corpo e de alma não havia em Portugal, nem em terras de Espanha, nem em qualquer outro reino.

Era tão obediente, amigo de fazer vontades e tão bom de génio, que lhe chamavam *o Manso*.

Ninguém lhe conhecia ambição ou soberba. Senhor da vila e terras de Albuquerque na provincia de Badajoz, com êsses bens se contentava e nunca pediu nem quis mais.

Não se importava com riquezas nem poder; o que êle queria era ler, estudar e fazer versos e cantigas. Não havia maldade no seu coração e andava sempre contente.

Fôra criado na côrte da rainha D. Isabel que lhe tinha muita amizade e que êle respeitava e estimava nem que fôsse sua mãe.

E el-rei não podia passar sem a sua companhia. Tinha presunção naquele filho; precisava de ver a tôda a hora aquela cara alegre e linda.

O filho legítimo que, por morte de el-rei, viria a reinar, era o príncipe D. Afonso; mas êste não se parecia com o irmão. Tinha mau génio, era orgulhoso, presunçoso e muito senhor da sua vontade. Desde pequeno se mostrou ciumento, desconfiado, bisonho, amigo de mandar, raivoso e desobediente. Nem os castigos que seu pai lhe dava, nem a bondade e doçura de sua santa mãe, lograram emendá-lo. Não era mau de sua natureza, mas era fraco; nunca foi capaz de ter mão em si, de governar os ímpetos de génio, as desconfianças, as invejas e outras peçonhas com que o demónio o tentava. Depois de fazer o mal, arrependia-se; mas o mal estava feito.

Tinha grande amor à Rainha Santa, sua mãe, e às vezes vinha ter com ela: — O' mãe! ó mãe! tira-me o demónio do corpo!

Mas nas horas de raiva, de vingança, de maldade, esquecia tudo.

El-rei vendo no filho tanta ânsia de mandar, deu-lhe, quando êle era muito criança ainda, casa separada, terras, vassallos, oficiais para seu serviço, cousa que os reis em Portugal não costumavam fazer senão quando os príncipes já eram homens e casados. Cuidava el-rei que o príncipe, assim, aprenderia melhor a ter mão em si e a entender os seus deveres; porque um homem que não é capaz de se governar a si mesmo, nunca pode governar os outros como deve ser.

Mas o príncipe, apenas se viu em casa sua e senhor de fazer o que lhe



R. 18681

(4) v.



desse na cabeça, tratou de pôr fora os bons conselheiros e servidores que seu pai lhe dera, e rodeou-se de homens mal escolhidos que fingiam achar bom tudo que êle fazia e que não se fartavam de lhe fazer as vontades e de elogiar todos os seus defeitos; manhosos e espertalhões levavam-no conforme queriam, não para seu bem nem para bem do país, mas só para os interesses e proveito deles. O príncipe tinha uma alma pequena onde não cabia respeito nem admiração por quem fôsse mais forte e melhor do que êle; só gostava de ter à sua volta homens que não prestavam, mas em que êle cuidava mandar sem nunca ser por êles contrariado. E isto é um grande e perigoso defeito seja lá em quem for, mas muito mais num príncipe.

*
*
*

Um dia, estando Afonso Sanches nos aposentos de el-rei, conversando com o pai a respeito de uns versos que fizera, ouviram passos no corredor mas cuidando que seria algum servo, não fizeram caso. E el-rei disse apontando para os versos do infante:

— São muito lindos. Vê-se que és meu filho e herdeiro da...

— Ia dizer: — herdeiro da minha arte, — porque el-rei era um grande poeta. Mas não pôde acabar, porque o reposteiro se abriu num repelão e o príncipe D. Afonso entrou no aposento.

— Herdeiro da coroa, Afonso Sanches? Não, meu Senhor! E esta espada defenderá os meus direitos!

— Má hora esta, — respondeu el-rei erguendo-se de semblante carregado, — má hora esta em que vejo um filho meu, príncipe herdeiro do trono de Portugal, baixar-se a escutar às portas como um homem sem honra.

E o infante acudiu, com brandura:

— Afonso, não era da coroa que falávamos, mas dêstes meus versos que el-rei me fêz a mercê de achar bons.

D. Afonso encolheu os ombros com desdém e respondeu ao irmão:

— Mentiras! Sempre manhas e mentiras!

Afonso Sanches corou de vergonha sob o insulto do príncipe e disse:

— Falei-te verdade e com bom modo e respondeste com uma afronta que não mereço. Nem el-rei pensa em me dar a coroa de Portugal e Deus sabe que eu não quero aquilo que me não pertence. Mas não tenho medo de ti, Afonso, e se a tua espada falar sem razão como tu, aqui está a minha para lhe responder!

Tinham levantado as vozes e esta conversa levava mau caminho, quando a porta dos aposentos da rainha Dona Isabel (que depois foi Santa Isabel) se abriu e ela surgiu no umbral como por milagre.

— Que vozes enraivecidas são estas entre um pai e seus filhos? — perguntou ela.

E ninguém respondeu, porque no coração dos três homens a cólera se apagara de repente e só havia amor por aquela figura tão linda e esbelta e tão cheia de majestade.

O príncipe D. Afonso caminhou para ela, beijou-lhe a mão e dirigindo-se logo a el-rei, disse-lhe:

— Perdoai, meu Senhor, êste meu génio desgraçado...

E a rainha tomou o braço de Afonso Sanches e saiu com êle do aposento, dizendo:

— Deixemos el-rei com o príncipe, que eu preciso de te falar.

Apenas se viu só com D. Afonso, el-rei disse-lhe assim:

— Escuta-me; Afonso, há muito tempo que vejo a má vontade que tens a teu irmão; e isso dá-me grande tristeza porque êle não ta merece. Não gostas que eu o estime e lhe faça mercê seja do que fôr; mas lembra-te que, a-pesar-de bastardo, Afonso Sanches é infante de Portugal e tem de manter e honrar o

sangue real, igual ao teu, que lhe corre nas veias. E' bom e leal cavaleiro e manso de génio e tenho gôsto na sua companhia, mas isto não deve ofender-te porque, nem no meu coração nem no dele há um mau pensamento contra ti.

— Senhor, — respondeu o príncipe — Afonso Sanches roubou-me o vossó coração. Hoje uma cousa amanhã outra, a fôrça dele vai crescendo. Dentro em pouco Afonso Sanches será mais rico e mais poderoso do que eu. Será vossa culpa se um dia eu tiver que defender os meus direitos pelas armas. Tendes maior amor a Afonso Sanches do que a mim, e todos o sabem.

— Ainda que assim fôsse, nunca me viria à idea privar-te dos teus direitos. E's o meu herdeiro e, depois da minha morte serás rei de Portugal. Assim o destinou Deus e ninguém defenderá êsse teu direito com mais vontade e fôrça do que eu. E fica sabendo, agora e sempre, que pela cabeça de teu irmão nunca passou nem passará a idea de subir ao trono.

— Se assim é, porque me trata êle com tão pouco respeito? Sempre lhe vejo no olhar um ar de escárneo e de desprêzo. A's vezes até cuido que estimaria a minha morte. Não o conheccis; é falso... Ai, meu Senhor! mandai-o para longe! Enquanto Afonso Sanches pisar terra portuguesa, não haverá paz neste reino!

Uma onda de cólera subiu ao coração de el-rei.

— Basta! — disse êle levantando a voz. — Falei-te com brandura e disse-te a verdade. Mas não penses um instante que me podes dar leis. Enquanto eu fôr vivo quem manda sou eu, el-rei; entendes?

E mudou de conversa:

— A que vieste hoje ver-me?

O príncipe levantara-se. Alto e magro, com o cabelo negro esgrouviado e os olhos verdes desconfiados fitava o pai. Tinha mêdo dele quando o via zangado.

— Senhor, — disse êle, — vinha pedir licença a Vossa Alteza para levar minha mulher a ver a rainha sua mãe, a Castela.

Mas el-rei sabia que, em Castela, o príncipe andava tramando intrigas contra êle. Respondeu duramente:

— Essa licença não ta dou nem ta darei; e bem sabes porquê. E agora vai-te com Deus que tenho que fazer.

O príncipe mudou de côr e ia responder. Mas de repente, sem mais uma palavra, beijou a mão de el-rei e safu do aposento.

Retiniram-lhe as esporas a cada passo apressado pelos corredores do palácio e, chegando ao pátio, saltou para cima do cavalo e abalou a galope como se levasse o diabo na garupa.

Apenas se viu em casa mandou chamar um daqueles maus amigos que lá tinha, um tal Gomes Lourenço Vogado filho de um carpinteiro de Beja, raposa velha que fazia dele o que muito bem queria.

Contou-lhe tudo que se passara.

O Vogado coçou na cabeça e respondeu:

— Vossa Alteza sabe melhor do que eu o que convém. Mas a mim, pelo muito amor que lhe tenho, parece-me que isto assim não pode continuar. Se Vossa Alteza não se defende, el-rei é capaz de sentar no trono de Portugal, ainda antes de sua morte, o infante D. Afonso Sanches.

E por aqui fora, foi dizendo o que lhe pareceu melhor para levantar a raiva do príncipe contra seu irmão.

O que êle queria era que o príncipe D. Afonso tomasse conta do reino ou de boa parte dele, mesmo em vida do pai. Por trás do príncipe, estaria êle, Vogado, a mandar.

E tais conversas teve com o príncipe que o convenceu a partir para Castela, mais a sua mulher, mesmo sem licença e contra a vontade de el-rei.

Ao deixar os aposentos de el-rei, a rainha levava D. Afonso Sanches ao jardim do palácio onde estavam as suas aias. Entre elas havia uma chamada Leonor, fidalga de boa raça e linda como os amores. Era filha de D. Pedro Dalora, grande trovador e grande amigo de el-rei, e de Dona Brites, camareira-mor da rainha.

A amizade entre D. Afonso Sanches e Leonor, vinha de longe. Tinham-se criado juntos na côrte da rainha santa; desde pequenos se entendiam bem nas brincadeiras e jogos e, à medida que tinham crescido, aquêlê affecto entre êles fôra crescendo também, e tanto, que agora já era um grande amor.

Mas quando chegou ao jardim, Afonso Sanches ia tão succumbido e triste que, sem falar a ninguém, se foi sentar à sombra de uma árvore, longe de todos, a cismar na sua vida.

Em volta de um tanque estavam as aias da rainha e alguns cavaleiros, officiais da sua casa; quási todos eram novos e alegres. Uns merendavam, outros divertiam-se a atirar migalhas aos peixes do tanque; e um grupo escutava mais além um cavaleiro que tangia a sua viola e cantava lindos versos.

A rainha gostava muito de gente nova; conversava e gracejava com êles e nunca se enfadava com a sua alegria ou com as tristezas de amor que lhe vinham contar.

Tanto as suas aias como os officiais da sua casa eram ali criados desde pequenos, protegidos e ensinados; e a santidade da rainha era tamanha, e tão grande o amor e o respeito que todos lhe tinham e o desejo de lhe agradar, que entre êles nunca havia intrigas nem maldades.

Quando a rainha viu que Afonso Sanches se fôra sentar tão apartado de todos e tão triste, chamou Leonor e disse-lhe assim:

— Vês como o infante está triste? Meu filho foi muito áspero com êle e sem razão, e é preciso não o deixar assim ralado e sôzinho. Vai ter com êle e vê se podes alegrá-lo.

Leonor perguntou:

— E não lhe parecerá mal que eu vá assim sem ser chamada?

A rainha sorriu e colhendo uma rosa entregou-a a Leonor.

— Leva-lhe esta rosa de meu mando, — disse ela.

Leonor foi ter com o infante.

— Meu senhor, a rainha manda-vos esta rosa.

Afonso Sanches ergueu para ela os olhos rasos de tristeza e perguntou:

— E, se não fôsse a rainha, não te lembrarias tu de ma trazer?

— Não me faltaria vontade. Mas como havia de me atrever? Vossa Alteza não mostrava desejo de falar a ninguém?

— Tenho sempre vontade de falar contigo; como a gente tem sempre sêde quando vê uma fonte pura. Senta-te aqui ao meu lado. Porque não respondes?

— Que hei-de responder? Tenho o coração dorido de ver Vossa Alteza triste e não lhe sei dar remédio.

— Se tu não me deres remédio, quem mo poderá dar?

— Os anjos do céu.

— Mas tu és um anjo.

— Bem longe estou de o ser, ai de mim!

O infante calou-se e por fim soltou um grande suspiro:

— Ai, Leonor! Quem me dera ir-me embora! Se soubesses, se soubesses...

— Mas para onde, meu Senhor?

— Para a minha terra de Albuquerque.

— Tão longe!... — murmurou Leonor, juntando as mãos muito aflita.

— Ir-me embora para muito longe de aqui onde me querem tanto mal.

— Quem pode querer-vos mal? Tanto el-rei como a rainha vos têm tanta amizade...

— E tu, Leonor?

Leonor baixou os olhos para esconder as lágrimas que os enchiam e não respondeu.

— Leonor, — tornou o infante — se não fôsse el-rei meu pai, e se não fôsses tu, partiria hoje mesmo para sempre, para longe de aqui.

Calou-se um instante, e depois disse:

— Não haveria no mundo homem mais feliz do que eu... se tu quisesses, Leonor.

— Mas que posso eu fazer! Daria de boa vontade a minha vida pela vossa boa sorte. Deus sabe. Mas... de que serve a minha vida?

— Escuta, Leonor; o príncipe D. Afonso, meu irmão, cuida que eu quero roubar-lhe o trono, cuida que eu quero vir a ser rei de Portugal em vez dele. E tal é a fôrça desta idea, que até seria capaz de me matar, se pudesse. Mas juro-te, Leonor, que tal propósito nunca entrou no meu coração. El-rei estima-me muito e quer-me sempre junto de si. A's vezes vem-lhe uma grande tristeza e diz-me assim: «Meu filho D. Afonso não me tem amor. Só pensa na minha morte e na maneira de ganhar poder e riqueza. Tem na sua companhia gente ruim que o aconselha mal. Não me deixes, que sem a tua companhia não tenho contentamento nesta vida». E que hei-de eu responder-lhe, eu que lhe tenho tanta amizade? Que conte comigo e com a minha lealdade e com o meu coração, que tudo lhe pertence. Mas se eu visse que êle não precisava de mim, ia-me logo embora para Albuquerque... contigo, Leonor.

— Comigo?!

— Sim, contigo, se tu quisesses ser minha mulher. Queres, Leonor?

Leonor escondeu a cara nas mãos. O coração batia-lhe com tanta fôrça dentro do peito que nem a deixava falar.

— Responde, Leonor — tornou o infante. — Sei que me estimas muito; mas diz-me, que sou o teu amor e que me dás o teu coração.

Leonor enxugou os olhos e tôda afogueada respondeu assim:

— Meu Senhor... Desde pequena, desde que brincávamos juntos que eu vos quero mais do que à própria vida. Nunca para mim houve outro homem no mundo; e Vossa Alteza bem o sabe, que amor tão grande não lho podia eu esconder. Como posso dar-vos o meu coração se êle é todo vosso há tanto tempo? Mas de que serve? Não tenho qualidade para casar com Vossa Alteza. Que diria el-rei? Não, meu Senhor, isto não pode ser.

Mas tôda a tristeza desaparecera dos olhos do infante. Pegando nas mãos de Leonor, cobria-lhas de beijos.

— Ah! meu querido amor! — dizia êle — deste-me ânimo para tudo. Com esta certeza no meu coração, já não há mais amargura que me possa quebrar a alegria. O que te peço é que tenhas confiança em mim como tenho em ti. Assim Deus nos ajude, que has-de ser minha mulher. Disso te faço aqui juramento; porque, sem ti, não há para mim felicidade neste mundo. A rainha será por nós.

O príncipe D. Afonso demorou-se em Castela umas semanas com grande desgosto de el-rei.

Pouco depois de êle voltar, um fidalgo da côrte de sua sogra a rainha D. Maria, chamado Pero Rondel, veio a Portugal e apresentou-se a el-rei D. Deniz na companhia do príncipe D. Afonso.

— Senhor, — disse Pero Rondel a el-rei, — venho aqui de mando da rainha de Castela, minha Senhora, com recado para Vossa Alteza a respeito do príncipe D. Afonso, vosso filho e herdeiro do trono, aqui presente. O príncipe, meu Senhor, anda em muito cuidado e tristeza cismando que Vossa Alteza lhe não tem amor e que só quer bem ao infante D. Afonso Sanches. Esta idea dá-lhe grande melancolia e pode até levá-lo a actos contrários ao serviço de

Vossa Alteza, tal é a sua paixão. Depois de ouvir o príncipe, a rainha Dona Maria de Castela, minha Senhora, mandou-me aqui para pedir a Vossa Alteza que tome estas cousas em consideração. Para curar o príncipe D. Afonso desta perigosa melancolia, deseja muito a rainha Dona Maria que Vossa Alteza dê ao príncipe uma prova da sua confiança.

El-rei levantou-se do trono onde se sentara para receber o embaixador da rainha de Castela; de semblante carregado começou a passear no aposento de um lado para outro. Por fim parou defronte de Pero Rondel e perguntou-lhe:

— E qual é essa prova de confiança que a rainha Dona Maria de Castela entende que devo dar a meu filho, o príncipe D. Afonso?

Pero Rondel começou a recear a cólera de el-rei que êle via crescer no seu olhar. Mas respondeu:

— O governo da justiça do reino, meu Senhor.

— Só o govêrno da justiça? — perguntou el-rei. — Mais nada?

E voltando-se para o príncipe, repetiu:

— Mais nada?

Mas o príncipe baixou a cabeça e não disse palavra; e el-rei reparou na onda de sangue que lhe subiu ao rosto.

Durante algum tempo ninguém falou. Depois D. Deniz tornou a sentar-se no trono e disse assim:

— Maravilho-me de que Dona Maria de Castela, rainha tão prudente e ajudada, me mande tal recado e me aconselhe cousa tão contrária à razão. Mais me maravilho ainda que o príncipe D. Afonso, meu filho, tal permita. Ainda que por motivo de velhice ou doença eu o quisesse fazer, não deveria o príncipe aceitá-lo emquanto eu vivo fôsse, e quanto mais pedi-lo, vendo que nenhum impedimento me tolhe o juízo e a vontade.

Aqui tornou el-rei a calar-se e nenhum dos outros falou. E, de repente, ergueu-se e apontou para a porta com a mão trémula de cólera:

— Ide-vos em boa hora, Pero Rondel! Ide-vos sem mais tardar! E dizei à vossa rainha que o govêrno da justiça em Portugal está em boas mãos, em mãos muito firmes, e que ainda não chegou a hora de passar para outras. Dizei também à vossa rainha que faço votos para que a justiça de Castela seja tão forte e segura como é a nossa.

El-rei levantara a voz e falava com tanta majestade, que Pero Rondel e o príncipe não se atreveram a responder. Fizeram o seu cumprimento de despedida e saíram a tôda a pressa como se receassem que as paredes do palácio real lhes cássem em cima.

Depois desta conversa, o príncipe D. Afonso abalou para Coímbra e durante muitos meses não veio ver seu pai nem lhe mandou recado, conservando-se afastado mais como inimigo do que filho. E vendo que a sua intriga com a rainha de Castela não dera o resultado que desejava, começou a cismar noutro modo de chegar aos seus fins.

A má gente que tinha à sua volta não se cansava de lhe dar ruins conselhos e de fazer crescer cada vez mais no seu coração a raiva e os ciúmes que lá ferviam contra o infante D. Afonso Sanches. Como já ficou dito estes homens só pensavam em aumentar o poder do príncipe a-fim-de governarem e mandarem à sombra dele. Com pretexto de que o príncipe corria perigo e precisava estar bem defendido, foram chamando para sua casa malfeitores, gente má que andava degredada em Espanha por feios crimes que tinham praticado; homens que não tinham que perder, nem bens, nem honras, e que estavam prontos para tudo.

Por conselho do Vogado, chamou um dia o príncipe a dois destes homens sem vergonha. Chamava-se um Pedro Guilherme e o outro Pero Gonçalves.

E falou-lhes em segrêdo: que fôsem a Espanha e lá arranjassem por manha e dinheiro, escrituras falsas com todos os sinais de serem verdadeiras, onde estivesse bem claramente demonstrado que tinham encontrado uns homens peitados e comprados pelo infante D. Afonso Sanches para fabricar peçonha bem venenosa e a trazerem e a darem de qualquer modo a beber a êle, príncipe D. Afonso, para o matar.

Pedro Guilherme e Pero Gonçalves, como grandíssimos tratantes que eram, logo se mostraram muito prontos para tal tarefa; e, com os bolsos bem cheios de dinheiro, lá abalaram para Espanha. Com tal habilidade e manhas se houveram que daí a pouco voltaram com as tais escrituras fingidas que arranjaram por bom dinheiro comprando uns patifes de uns escrivães espanhóis.

Quando o príncipe se viu de posse de tais papéis, todo se regalou de contente pensando que tinha agora maneira de dar cabo do infante D. Afonso Sanches. E o diabo arreganhou a dentuça por ver como tinha as unhas bem cravadas naquela alma.

Logo as tais escrituras foram publicadas e espalhadas pela cidade de Coimbra onde tôda a gente as aceitou por boas; e o príncipe mandou dois emissários a el-rei com as cópias dos escritos e instantes queixas contra D. Afonso Sanches e pedido urgente de capital castigo a tão negra acção.

Mas el-rei D. Deniz que bem conhecia o leal e nobre coração de seu filho D. Afonso Sanches, não quis acreditar nos escritos. Mandou logo chamar o infante e mostrou-lhe os malditos papéis.

— Afonso Sanches, — disse êle, — tão certo queria eu estar da salvação da minha alma, como estou da tua inocência. Se não fôsse a grande tristeza que me enche o coração ao pensar na falsidade e traição do príncipe, até me daria vontade de rir a estupidez desta intriga. Quero que me digas se tens confiança em mim e na minha amizade como sempre.

— Meu Senhor, — respondeu D. Afonso Sanches, — tenho fé no coração do meu pai e do meu rei, como em Deus. E Vossa Alteza bem sabe que por ela darei de boa vontade a minha vida.

El-rei pôs-lhe a mão no ombro e arrazaram-se-lhe os olhos de lágrimas.

— Ah! porque não deu Nosso Senhor uma alma como a tua ao herdeiro da coroa de Portugal! — suspirou êle.

Mandou Afonso Sanches embora e ajoelhando diante de uma imagem de Jesus Cristo crucificado, ali ficou muito tempo em oração. Depois foi dar a sua resposta aos emissários do príncipe D. Afonso:

— Dizei a meu filho que muito me pesam as notícias que me deu e assegurai-o que o culpado terá o cruel castigo que merece. Mas eu gostaria de ver as próprias escrituras e não só uma cópia; espero que êle mas mande, para maior segurança da verdade.

Ao receber tal recado, o príncipe D. Afonso entrou numa grande cólera e respondeu por carta, queixando-se e mostrando-se muito ofendido de que el-rei não tivesse logo mandado matar o infante D. Afonso Sanches como seu crime merecia; e a respeito das verdadeiras escrituras, respondeu que as tinha bem guardadas e que a seu tempo as mostraria.

Entretanto enviou el-rei secretamente dois bons fidalgos da sua confiança àquela terra de Espanha onde os tais escritos tinham sido falsamente feitos; e veio-lhe a resposta que nos escritórios daquela vila não havia menção de tal cousa nem existiam sequer os homens de quem se falava nas escrituras; e que tudo era forjado e fingido.

El-rei reuniu então o seu conselho onde vieram os cavaleiros e fidalgos mais honrados e leais do reino, fiéis a el-rei. Contou-lhes D. Deniz tudo que era passado e tôdas as cousas que, antes desta última, o príncipe fizera contra seu pai, e disse-lhes assim:

— Amigos e Senhores, tudo isto eu tenho até aqui suportado com paciência e sempre na esperança de que a passagem dos anos e o crescente entendimento da razão e da honra, curassem o príncipe dos seus erros. Mas, ao

contrário da minha esperança, o mal tem sido cada vez pior; ainda que muito me pese, vejo-me agora obrigado a queixar-me a vós de uma criatura do meu sangue, de um filho meu, daquele que Deus marcou para me suceder no trono de Portugal. E por isto vos reüni para que me deis conselho e remédio, se o encontrardes.

Todos os que ali eram presentes mostraram a grande dor que sentiam pelo procedimento do príncipe, e juraram amor e fidelidade a el-rei; e cada qual disse a sua idea sôbre a melhor maneira de se dar remédio a tão grande mal.

Mas o príncipe, vendo que a traição que armara a seu irmão Afonso Sanches, se voltara contra êle, logo concertou com seus maus conselheiros outra intriga. Assim, sem perda de tempo, mandou espalhar pela cidade de Coímbra onde se encontrava e pela de Santarém onde estava seu pai, notícias de que el-rei, de acôrdo com D. Afonso Sanches, enviara ao Papa cartas e falsas certidões onde se declarava que êle, D. Afonso, herdeiro do trono, tinha perdido o juízo e fazia cousas desassissadas e perigosas e, como parvo, comia as aranhas das paredes; e que, por isso el-rei D. Deniz pedia ao Papa que tirasse a êste príncipe seus direitos ao trono e a tais direitos habilitasse o infante D. Afonso Sanches.

Aquêles maus conselheiros com a sua tropa de malfeitores andavam pelas ruas falando a uns e a outros e dizendo como o príncipe D. Afonso estava triste e como era cheio de virtudes e como o infante D. Afonso Sanches intrigava seu pai contra êle. E o povo, que não sabia a verdade, ia acreditando nestas falsidades, porque o coração dos mortais é assim feito que mais depressa se deixa levar pelo mal do que pelo bem.

Ao saber esta nova intriga e falsidade de seu filho D. Afonso, el-rei começou a enraivecer-se contra tanta maldade. Mandou logo dois emissários a Roma, a pedir ao Papa um desmentido formal a estas mentiras; e mandou gente sua pelas cidades e vilas do reino proclamando que o príncipe andava a espalhar maldades contra êle, e que aquêles que tal espalhassem ou escutassem, seriam duramente castigados.

Com tôdas estas discórdias, andava a rainha Dona Isabel muito apoquentada. Via que o filho, longe de lhe ouvir os conselhos e rogos, ia cada vez a pior, e que el-rei, a cada novo desacato, mais ia perdendo a paciência. E a rainha adivinhava que, indo as cousas neste caminho, o tempo chegaria em que o pai e o filho se voltariam um contra outro de armas na mão. E tal pensamento era para ela como espada cruel que lhe atravessasse o coração.

Um dia mandou recado a el-rei pedindo-lhe por favor que viesse ao seu aposento, o que êle fêz logo. Apenas entrou, a rainha levou-o a uma janela que dava sôbre o jardim e, sem uma palavra, apontou-lhe Afonso Sanches e Leonor sentados num banco à sombra. Estavam os dois de mãos dadas e olhavam-se de tal maneira que logo se via o encantado e feliz amor que os enleava.

El-rei franziu a testa e perguntou à rainha:

— Como permitis uma cousa destas?

— E porque não hei-de permitir, meu Senhor? São duas criaturas que estimo igualmente e ambas se criaram aqui na minha casa. São ambos leais e bons e querem-se muito. Se ali estão juntos é com minha licença e já ando a tratar do enxoval da noiva.

E a rainha sorria e olhava serenamente para D. Deniz como se não visse a cólera que o assoberbava.

— Esquecestes que um infante de Portugal não pode casar com uma aia vossa e que não faltam princesas com bons dotes a quem êle possa pretender.

— Nem princesas nem rainhas lhe levarão melhor dote do que Leonor: o grande amor que lhe tem dado desde criança e que êle compartilha. E' um lindo amor que eu vi nascer e crescer aqui, debaixo dos meus olhos. Tesouro tão precioso e tão raro pela sua pureza e fidelidade, meu Senhor, que é pecado desprezá-lo.

El-rei debruçou-se da janela e chamou o infante.

E os dois vieram correndo, sempre de mãos dadas e daí a pouco entraram no aposento da rainha.

Vinham ofegantes da carreira e risonhos, corados, com os olhos brilhantes, ambos lindos, resplandecentes de mocidade, de frescura, de alegria. Traziam em si o perfume da terra, da água de rega, das árvores, das flores, e era tamanha a claridade das suas almas inocentes e abrasadas de amor, que el-rei ficou tolhido, a olhar para êles e nem já se lembrava do que ia dizer ao infante.

Voltou-se para a rainha e murmurou:

— Senhora, mais um milagre vosso...

No seu coração encantado e cheio de ternura não havia lugar para cólera nem cuidados.

— Afonso Sanches, — disse êle por fim, — contou-me a rainha que queres casar com Leonor e abalar com ela para as tuas terras de Albuquerque; que não pretendes outras terras, nem mais riquezas nem poder, nem a mão de uma princesa de sangue real que tenho em vistas para ti.

— Assim é, meu Senhor, — respondeu o infante com firmeza; — e hoje mesmo tinha eu feito tenção de o ir participar a Vossa Alteza, pedindo o seu consentimento e a sua bênção, que é só o que falta à minha felicidade.

— Queres então deixar-me sôzinho com tantos cuidados e tristezas, a lutar contra a maldade de teu irmão, tu que és o meu braço direito?

— Meu Senhor, no dia em que eu me afaste da vossa côrte e em que a minha presença ao vosso lado deixe de incomodar meu irmão, não tereis mais cuidados nem tristezas. O príncipe D. Afonso já o disse: enquanto eu estiver em terras de Portugal, não haverá paz neste vosso reino. Bem o sabeis.

— Escuta-o, meu Senhor, — acudiu a rainha. — E' Deus que fala pela sua bôca.

— Está bem, — respondeu por fim el-rei. — Casarás com Leonor, meu filho, e irás para as tuas terras de Albuquerque como desejas. E levarás a minha bênção, que ta dou do coração. Mas... ainda não! Ainda não, por Deus! O príncipe D. Afonso ha-de sujeitar-se primeiro à minha vontade!

E sem querer ouvir mais nada, el-rei saiu pela porta fora.

Ao chegar aos seus aposentos encontrou lá oficiais seus que vinham trazer-lhe más novas: o príncipe D. Afonso dispunha-se a sair de Coímbra com grande acompanhamento de fidalgos e gente de armas a caminho do Sul; e que vinha com más tenções.

El-rei enviou logo ordem ao príncipe de não sair de Coímbra, ao que êle respondeu que não desistiria do seu intento pois queria fazer uma romaria a lugar santo em cumprimento de uma promessa.

Os oficiais de el-rei que voltaram com tal resposta, contaram que o príncipe não vinha como em romaria, mas em pé de guerra e rodeado de muito má gente, até ladrões e malfeitores condenados pela justiça de el-rei e que êle guardava na sua companhia. E que vinha já perto do Lumiar.

Vendo el-rei que o príncipe se dispunha a desobedecer-lhe tão descaradamente, juntou suas tropas a fim de lhe tolher o caminho à fôrça. E tornou a mandar-lhe recado, dizendo que lhe perdoaria se sossegasse e se despedisse da sua companhia a má gente que o rodeava.

E o príncipe não fez caso nenhum; retirou-se do Lumiar e foi andando com sua gente para Sintra onde pôs tudo em ordem de batalha.

El-rei mandou juntar ainda mais tropas e aprontou um grande exército para dar uma boa lição ao príncipe; mas muito lealmente o mandou de novo avisar: que já que o Diabo o punha em tal determinação contra seu pai e

senhor, que tivesse pelo menos a coragem de o esperar e de lhe dar batalha, e que não fugisse como fugira do Lumiar.

Estava a rainha no oratório com suas aias pedindo a Deus que fizesse as pazes entre el-rei e o príncipe, quando Leonor se chegou a ela e lhe contou ao ouvido as notícias que acabava de ter por D. Afonso Sanches; que tudo estava prestes para batalha do lado de el-rei e que a sua gente era muito mais numerosa e forte que a do príncipe.

A rainha saiu em alvoroço do seu oratório e, em grande segredo, mandou um escudeiro de sua confiança ao príncipe dizendo-lhe que fugisse enquanto era tempo porque seu pai ia contra êle com muito poderosas tropas. Assim avisado, o príncipe deixou Sintra e abalou para Coímbra sem dar batalha, porque os malfeitores que o acompanhavam sabendo da grande fôrça de el-rei e receando ser apanhados e castigados como mereciam, logo aconselharam o príncipe a retirar-se.

Logo que entrou em Coímbra, o príncipe mandou a tôda a pressa a princesa sua mulher mais os filhos para Castela e escreveu a todos os seus vassallos e servidores pedindo-lhes socôrro contra el-rei seu pai, que vinha sôbre êle com grande fôrça e poder de armas para o matar. E a todos fazia muitas queixas mentirosas e muitas promessas de grandes mercês se lhe quisessem acudir.

Por seu lado el-rei sabendo que o príncipe mandara a mulher e filhos para Castela e que fazia grande ajuntamento de gente de guerra, cada vez mais se enfureceu e maior desejo teve de o castigar. Assim mandou cartas gerais a tôdas as cidades e vilas do reino, com ordem de não se fiarem no príncipe e de lhe negarem ajuda e provisões; isto, sob pena de grandes castigos.

Andando assim as cousas e o reino já todo dividido em dois partidos e os portugueses levantados uns contra os outros, el-rei, vendo que a rainha avisava secretamente o príncipe de tudo que êle fazia, a-fim-de evitar que chegassem a batalha, mandou-a para Alenquer desterrada e sem ordem de sair de lá. E tudo piorou ainda mais.

O príncipe ia a uma vila e a outra, e tomava-as de surpresa; e apenas el-rei acudia, fugia êle e mais a sua gente, e el-rei castigava os moradores e mandava cortar cabeças e queimar os principais para que estas cousas servissem de exemplo aos outros.

Assim o príncipe tomou Coímbra e o seu castelo, e o castelo de Montemór-o-Velho, e o da Feira, e o de Gaia; e tomou a cidade do Pôrto. Caminhando para o Norte, quis tomar Guimarães de que era alcaide um nobre cavaleiro chamado Mem Rodrigues de Vasconcelos que não lhe quis entregar nem o castelo nem a cidade, dizendo que a el-rei fizera seu juramento e que só a êle ou por sua ordem o entregaria. O príncipe pôs cerco a Guimarães, mas logo recebeu notícia de que el-rei cercara Coímbra; e assim para acudir a Coímbra, levantou o cerco de Guimarães.

Andava tudo assim em grande confusão na terra de Portugal, sem batalhas grandes, mas com desordens por tôda a parte, e grandes danos e estragos nos campos, e muitas tristezas e perdas em aldeias e cidades, porque a cada passo havia encontros de bandos contrários onde pais combatiam contra filhos, irmãos contra irmãos, amigos contra amigos, com muitas mortes e ferimentos de ambas as partes.

Tôdas estas notícias chegavam a Alenquer onde a rainha estava desterrada sob palavra, por ordem de el-rei, e onde passava o seu tempo em orações e devoções e muito triste e aflita por ver que tudo ia cada vez a pior. E por fim não podendo já mais agüentar aquêl exílio onde nada podia fazer pelo marido nem pelo filho, tirou-se um dia dos seus cuidados e, sem dar cavaco a ninguém, mandou aprontar seus officiaes e gente da sua casa e montando a cavallo abalou para Coímbra.

Aí não perdeu tempo. Com a grande autoridade que tinha, mandou ordem a todos os fidalgos e pessoas de categoria, tanto dos que eram do partido de

el-rei como dos que eram do partido do príncipe, que viessem ao palácio. E quando os viu todos juntos, fêz-lhes uma grande fala, ora com muita fôrça e coragem levantando-lhes o brio e a honra, ora com doçura e lágrimas tocando-lhes no coração. E assim foi dizendo que não convinha continuarem-se tais desacôrdos entre pai e filho, entre o rei e o príncipe herdeiro da coroa. E que a êles, fidalgos de Portugal, competia pôr térmo a tais desmandos, misérias e vergonhas. E tais cousas lhes disse e com tal razão e autoridade, que lá conseguiu fazê-los cair em si e entenderem o seu dever. Acabando ali mesmo com as paixões e raivas que os dividiam, logo se concertaram e trabalhando juntos ora com el-rei, ora com o príncipe, levaram-nos por fim a um acôrdo.

Deu el-rei ao príncipe a cidade de Coímbra e a de Montemor, com seus castelos, e a fortaleza da Sé do Pôrto. E o príncipe, por estas cidades e castelos e terras, fêz a el-rei juramento de fidelidade. Para mais segurança quis a rainha que muitos fidalgos dos principais fizessem também juramento de paz e ela própria o fêz igualmente com tôda a solenidade.

E assim, durante algum tempo tudo ficou em sossêgo no reino; nos campos e nas cidades recommçaram os trabalhos e houve pão e sossêgo para todos.

Neste intervalo celebrou-se o casamento do infante D. Afonso Sanches com Leonor. Quando se espalhou a notícia dêste noivado, o príncipe D. Afonso ficou todo contente. Entendia êle que se el-rei dera licença para tal casamento, era bom sinal de que perdera a idea de dar àquêle filho o trono de Portugal.

— Foi bom que el-rei ganhasse mêdo de Vossa Alteza, — dizia o intrujão do Vogado ao príncipe. — Se não fôsem as correrias e desordens que espalhámos no reino, nem Vossa Alteza teria os bens e as terras que hoje tem, nem estaria livre de ver D. Afonso Sanches no trono de Portugal. Mas el-rei teve mêdo, que viu as cousas mal paradas e assim perdeu o sentido de fazer rei ao infante.

O príncipe, bisonho, sombrio, não respondeu. Ficou-se a cismar e por fim disse:

— Podes dizer o que quiseres, Vogado. Cá por mim emquanto não vir o infante fora de Portugal não descanso.

E nessa mesma hora o infante D. Afonso Sanches, passeando com el-rei nos jardins do palácio, dizia-lhe assim:

— De hoje a uma semana será o meu casamento e o dia mais feliz da minha vida. Já lá vai muito tempo que Vossa Alteza me prometeu que me deixaria partir para as minhas terras de Albuquerque, fora de Portugal. A ocasião não pode ser melhor, meu Senhor, do que agora. Está tudo sossegado e ninguém poderá dizer que me vou embora forçado pela vontade de meu irmão.

El-rei passou a mão pela barba grisalha.

— Por isso mesmo que está tudo sossegado, não vejo porque hei-de mandar-te embora e privar-me da alegria de ver a tua felicidade e de criar junto de mim os netos que me vais dar.

— E' perigoso, meu Senhor!

Mas el-rei mandou-o calar e não quis ouvir mais conversas sôbre êste assunto. Já não era novo e estava cansado de ter trabalhado e ter lutado a vida tôda pelo bem do seu reino. Queria que o deixassem descansar e não tinha ânimo de se separar do filho que tanto estimava. Não pensava senão nas festas do casamento nas quais gastou rios de dinheiro.

Foi um casamento de estrondo; nem que fôsse um casamento real. Para a cerimônia da igreja vieram os principais bispos e tudo se fêz com riqueza e esplendor nunca vistos. E as festas duraram mais de uma semana, com

grandes bodos aos pobres, e grandes doações a hospitais e conventos, e divertimentos na côrte, e danças, e banquetes, e músicas... um nunca acabar!

Mas o príncipe, que assistiu a tudo isto, como convinha, não andava contente.

— Quando el-rei meu pai fêz o acôrdo comigo, — disse êle ao Vogado, — falou da partida do infante para Albuquerque logo depois do casamento. Mas agora não vejo sinal nenhum dessa partida.

E o patife do Vogado respondeu logo:

— Isto aqui anda manha. Deixou el-rei casar o infante com uma aia da rainha para nos sossegar. Mas êste casamento foi de maior esplendor que o vosso; foi um casamento verdadeiramente real. Uma aia da rainha! que importância tem? No dia em que o infante subir ao trono, o Papa anula o casamento e o infante casará com uma princesa...

Passadas estas festas e ficando el-rei em Lisboa, ali reüniu Côrtes; e o príncipe não quis vir a elas e começaram todos a desconfiar que as pazes já não estavam muito seguras.

E um dia vieram dizer a el-rei que o príncipe com grande acompanhamento de gente de armas vinha de Santarém a caminho de Lisboa. Parecendo isto muito mal a el-rei, mandou logo ordem ao príncipe que não viesse: e êle respondeu que as suas tenções eram de vir visitar seu pai e que, não vendo mal na visita de um filho a seu pai, não deixaria de vir.

Com grande tristeza e também zanga por ver a desobediência do príncipe, el-rei juntou suas tropas e partiu ao encontro do filho que já estava no Lumiar; e levava um grande poder de tropas e boa tenção de castigar o filho.

Quando se encontraram, deu-lhe el-rei ordem de se ir embora; e o príncipe não obedeceu e aceso em paixão, pôs a sua gente em ordem de batalha. Vendo isto, el-rei fêz o mesmo. E todos cuidavam que ia haver ali uma perigosa guerra onde de um modo ou de outro acabariam as questões entre el-rei e o príncipe, pois de ambos os lados era grande a vontade de batalhar e de vencer. E tanto que, ainda antes das trombetas darem o sinal, já muitos homens andavam envolvidos em batalha e muitos morreram e outros ficaram muito mal feridos.

Já as trombetas e anafins tinham principiado a tocar o sinal para o começo da batalha quando se viu uma cousa de espantar. Entre os dois exércitos em linha de batalha e prontos a atirarem-se um contra o outro, appareceu a rainha Santa Isabel montada numa mula branca. Vinha só e sem nenhum acompanhamento e nem sequer um escudeiro a levar a bêsta pela rédea. E assim, com todo o sossêgo e sem mêdo às setas que já principiavam a voar de uma parte a outra, a mula branca levando a linda figura da rainha com seu rico véu bordado, foi andando entre os homens de armas que abriam alas com muito respeito para ela passar e muitos se punham de joelhos e lhe beijavam a fimbria da saia.

Não parou senão junto do príncipe e tomando-o à parte lhe disse assim:

— Meu filho, bem mal aconselhado andais de vir assim contra vontade de el-rei vosso pai e senhor, e muito mais em pé de guerra quebrando os juramentos de paz que fizestes sôbre os Santos Evangelhos e que eu também fiz para mais segurança. Não podíeis dar-me maior desgosto nem ferir mais fundo o meu coração onde vos trago sempre com tanto amor. Ide já pedir perdão a el-rei e retirai vossa gente sem demora.

O príncipe que se apeara para a receber, beijou-lhe a mão e sem mais uma palavra e acompanhado só pela rainha e por seis cavaleiros atravessou o campo e foi direito a el-rei. Disse-lhe assim:

— Mais uma vez, meu Senhor, quis Deus mandar minha santa mãe a alumiá a minha alma pecadora. Pela sua mão venho pedir perdão a Vossa Alteza da minha cegueira e desobediência.

E apeando-se, pôs um joelho em terra e ali jurou de novo a el-rei que daí em diante lhe obedeceria em tudo e nunca mais lhe daria razão de queixa.

Respondeu-lhe el-rei que lhe perdoava e que se fôsse embora com suas gentes. E que onde quer que de novo lhe desobedecesse, lá o iria tomar pela garganta e dar-lhe o castigo merecido.

E assim acabou êste encontro de el-rei com o príncipe; graças à Rainha Santa acabou em bem o que podia ter sido uma grande desgraça.

Mas desta vez, quando se concertaram as novas condições de paz, o príncipe pediu mais uma vez a el-rei que mandasse o infante D. Afonso Sanches para fora de Portugal. E el-rei aceitou a condição.

D. Afonso Sanches partiu enfim com Leonor para as suas terras de Albuquerque, para longe de lutas e tormentos. E um ano depois, el-rei D. Deniz entregou a Deus a sua grande alma cansada de tantas e tão belas cousas que tinha feito pelo seu tão lindo e tão querido reino de Portugal.

A SEGUIR:

HISTÓRIA DA LINDA INEZ DE CASTRO
QUE DEPOIS DE MORTA FOI RAÍNHA



*Virgínia de Castro e Almeida escreveu;
o S. P. N. mandou dar à estampa.*

S. P. N.

NB



4048881000000

L. 10